



REGISTRO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA EM LIBRAS EM ESCRITA DE SINAIS VISOGRAFIA: ENSAIANDO PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE ESTRUTURAL

REGISTRATION IN THE *LIBRAS* LITERATURE IN VISOGRAPHY WRITING SIGNALS: TESTING PROCEDURES OF STRUCTURAL ANALYSIS

Cláudio Alves Benassi¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar a área da escrita de sinais e da literatura em língua de sinais – um estudo que é desdobramento de meu objeto de tese intitulado “VisoGrafia: o problema do material, conteúdo e forma na escrita de sinais”. Para tal, apresento resumidamente o sistema de escrita de sinais VisoGrafia, que é objeto da referida tese, além da análise estrutural de dois poemas sinalizados e grafados pela VisoGrafia. O estudo tem fundamentação em diversos autores da área, dentre os quais: Barreto e Barreto (2012). Com isto, espero contribuir para o aprofundamento da discussão em torno dos usos e recursos da escrita de sinais e com o registro da produção literária em língua de sinais.

Palavras-chave: Gêneros visuais sinalizados; Poema sinalizado; Literatura em Libras.

ABSTRACT: This paper aims to present the area of sign writing and literature in sign language - a study that is unfolding my thesis object entitled *VisoGrafia: o problema do material, conteúdo e forma na escrita de sinais*. To do this, I present briefly the VisoGraphy signal writing system, which is the subject of this thesis, in addition to the structural analysis of two poems signed and graphed by VisoGraphy. The study is based on several authors in the area, among them: Barreto and Barreto (2012). With this, I hope to contribute to the deepening of the discussion around the uses and resources of the writing of signs and with the record of literary production in sign language.

Keywords: Signed visual genres; Signed poem; Literature in *LIBRAS*.

¹ Doutorando em Estudos de Linguagens (UFMT). Formado em Música pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Estudos Interdisciplinares de Cultura Contemporânea (UFMT). Especialista em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Artista pesquisador e professor da Coordenação de Ensino de Graduação de Letras-Libras – Licenciatura. Professor Auxiliar A. Pesquisador e crítico da gênese artística musical e de cultura. Pesquisador da Escrita da Língua de Sinais. Fabricante de ocarinas e criador do sistema harmônico numerológico Pitagórico e do sistema de escrita da língua de sinais VisoGrafia. Editor gerente das Revistas Diálogos (RevDia) e Falange Miúda (ReFaMi). E-mail: caobenassi@hotmail.com



PRIMEIRAS PALAVRAS

Segundo a pesquisadora Lúcia Noriko Sabanai (2007), as primeiras pesquisas acadêmicas relacionadas à Língua Brasileira de Sinais (Libras) se deram na década de 80 do século XX. Mais precisamente, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por meio da divulgação do boletim intitulado “Grupo de Estudos de Linguagem, Educação e Surdez (GELES). No entanto, consta da história da língua de sinais no Brasil que o primeiro curso normal para a formação de professores de Libras foi criado no ano de 1951.

Apesar de decorridos 15 anos da promulgação da “Lei da Libras” (Lei n. 10.436/02), muitos aspectos ainda não são amplamente debatidos ou pesquisados. Outros, em alguns contextos, ainda são totalmente desconhecidos. Os gêneros textuais sinalizados é um notório exemplo da falta de interesse acadêmico, que traz graves complicadores para a vida acadêmica do estudante visual, tal como a dificuldade de acesso à universidade ou, até mesmo, de sua permanência nela, tendo em vista o não reconhecimento dos gêneros textuais que nela circulam.

Com a sanção da Lei n. 10.436/02, houve um grande interesse pela Língua Brasileira de Sinais (Libras). Contudo, assuntos relacionados aos gêneros textuais sinalizados ainda permanecem praticamente desconhecidos. Aliado a este desconhecimento está também relacionado o registro gráfico desses gêneros por meio da escrita de sinais, o qual, por sua vez, não se configura como um registro gráfico das línguas de sinais.

O primeiro Sistema de Escrita de Língua de Sinais (ELS) foi a *Écrire les Signes*, desenvolvido pelo professor guadalupenho Roch Ambroise Auguste Bébien (1789-1839). A partir de então, outros sistemas de ELS surgiram, inclusive no Brasil. Atualmente, três sistemas de ELS circulam por terras tupiniquins, sendo dois brasileiros e um estadunidense. Consta, ainda, que um quarto sistema esteja em desenvolvimento.

Em minha prática docente no curso de graduação em Letras-Libras – Licenciatura, identifiquei um problema que compromete o acesso e a permanência dos visuais na academia: o fato deles não conhecerem os gêneros visuais sinalizados que nela circulam, corroborando a palestra proferida por Fernandes na Universidade Federal de Mato Grosso, no ano de 2017.

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de doutoramento, cujo objeto é a criação de um sistema de ELS e o estudo do registro gráfico do gênero visual sinalizado



poema. Nosso objetivo neste trabalho é divulgar dados preliminares obtidos na sistematização de nossa escrita de sinais – a VisoGrafia –, e a grafia de dois poemas. O primeiro é a obra *Sentimento*, de Duarte, e o segundo é *Querer*, de Benassi (Cao Benassi em arte), datados de 2015 e 2017, respectivamente.

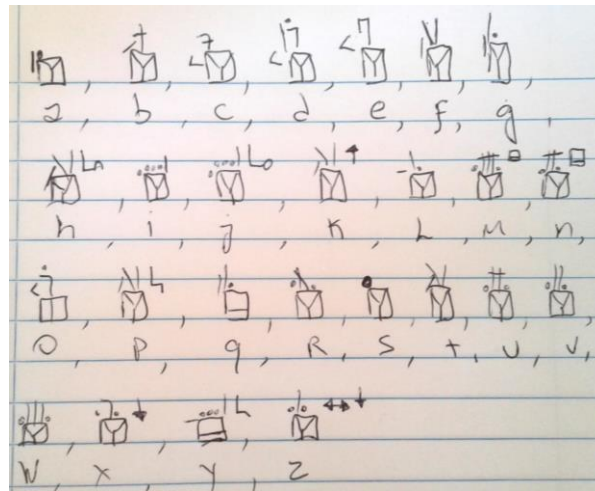
A fundamentação teórica do presente trabalho vem de Barros (2008, 2015); Barreto e Barreto (2012); Nobre (2011); Benassi, Duarte e Padilha (2015, 2016) e Benassi (2017a, 2017b). Com a divulgação do presente estudo, espero instigar a comunidade acadêmica, bem como a sociedade em geral, ao debate, à discussão e à pesquisa dos gêneros textuais sinalizados. E, principalmente, ao estudo do registro gráfico dos mesmos, contribuindo assim com a inserção dos sujeitos visuais (*surdos*), na cultura textual formal da Libras.

O sistema de escrita visogramada da língua de sinais

Diante da rejeição dos alunos e da exaltação da visualidade do SW, comecei a escrever sinais por este sistema e a pedir que os alunos lessem. Confirmando minha hipótese, poucos sinais foram decodificados pelos acadêmicos. A partir de então, alguns questionamentos passaram a me inquietar, tais como: “Por qual motivo a ELiS é recusada? O sistema é visual e também abstrato, tal qual o SW que também não se fixa. [...] Poderiam os aspectos simples dos dois sistemas serem relidos em uma nova proposta de grafia?” (BENASSI; DUARTE; PADILHA, 2016, p. 35).

Tendo em vista estas preocupações e as pesquisas divulgadas no Brasil sobre os benefícios da ELS para o desenvolvimento do sujeito visual, tais como a aquisição de outras línguas escritas e a comunicação escrita fluente, que não acontece com a utilização do sistema de grafia da língua oral (BARRETO, BARRETO, 2012; NOBRE, 2011), iniciei uma busca pelas possibilidades de escrita da Libras por meio da ELiS, com o intuito de ordená-la de acordo com algumas regras grafotáticas do SW.

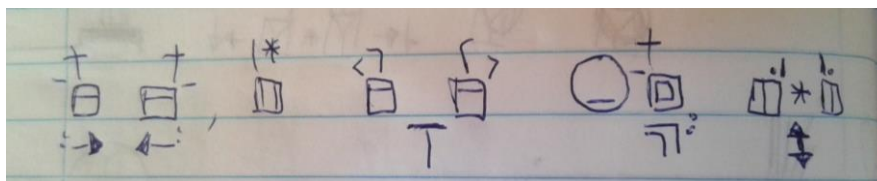
Figura 02. Primeira versão do alfabeto manual.



Fonte: acervo do autor.

As primeiras tentativas foram escrever o alfabeto manual. Antes mesmo de chegar a uma versão satisfatória do alfabeto, comecei a testar a escrita de sinais. A princípio, as configurações de mão eram escritas como na ELiS, levando em consideração sua regra grafotática de que a configuração de mão se divide em configurações de dedos. Estas, se forem iguais, pelo princípio de economia da escrita, se representa apenas um. Assim, alfabeto manual e sinais eram grafados de acordo com as figuras de números 02 e 03.

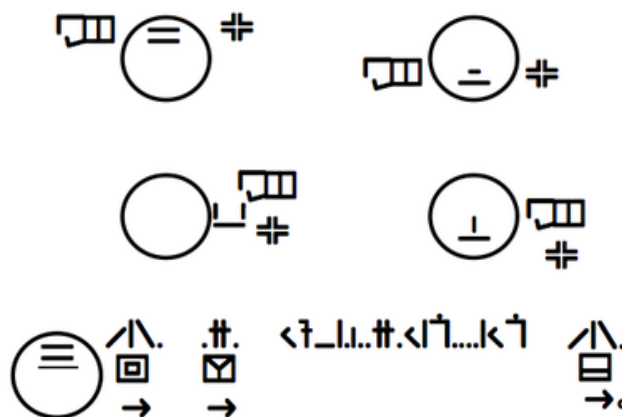
Figura 03. Frase: HOJE, EU QUERO COMER ARROZ.



Fonte: acervo do autor.

Segundo Benassi, Duarte e Padilha (2016, p. 36, 37), os primeiros sinais escritos foram APRENDER, LARANJA/SÁBADO, OUVIR e CHEIRAR. Também foi escrita a frase A PESSOA CHAMADA CLAUDIO É PROFESSOR (fig. 04). Segundo os autores (*op. cit.*), os sinais escritos foram mostrados ao professor Anderson Simão Duarte, que mesmo sem conhecer profundamente as ELS utilizadas como base para a nova escrita, decodificou rapidamente as informações em Libras, o que provava a viabilidade da mesma.

Figura 04. Sinais APRENDER, LARANJA/SÁBADO, OUVIR e CHEIRAR, respectivamente. Embaixo, frase A PESSOA CHAMADA CLAUDIO É PROFESSOR.



Fonte: Benassi (2016, p. XX).

Como se pode notar, a ordem dos visografemas (letras) da ELiS foi mantida em quase sua totalidade. A configuração de mão passou a ser escrita na orientação de palma (semelhante ao SW) e a locação passou a ser escrita dentro do visografema que representa a cabeça (no caso dos sinais). Na frase, como se pode perceber, a verticalidade dos visografemas faz alusão à ELS SW.

Os estudos subsequentes me levaram à seleção de visografemas da ELiS e do SW e, também, às adaptações que originaram o visograma (alfabeto) da VisoGrafia. A sua primeira versão possuía um total de 64 símbolos (BENASSI, *et al*, 2016, p. 723), número muito inferior aos do SW (900) e da ELiS (95). A partir de então, teste quanto à viabilidade da escrita e da leitura foram realizados com acadêmicos e profissionais da Libras, ouvintes e visuais com pouco ou nenhum conhecimento da ELS.

Após o início do curso de extensão ofertado pela Direção do Instituto de Educação (IE), da UFMT, definiu-se então o alfabeto da VisoGrafia, além de mudanças em visografemas que já eram utilizados. E, com a colaboração dos cursistas, algumas mudanças na estrutura da VisoGrafia foram implementadas², mas não cabe apresentarmos aqui. Uma das convenções mais significativas executadas em parceria com os alunos do curso de VisoGrafia foi a separação dos visografemas e dos diacríticos, pelo entendimento de que os visografemas são preponderantes para o registro da informação na escrita

² Estas mudanças e convenções são apresentadas no livro “O despertar para o outro: entre as escritas de língua de sinais” (BENASSI, 2017).



visogramada. Já os diacríticos, em determinados contextos, podem ser dispensáveis, como, por exemplo, os diacríticos utilizados para grafar as expressões não manuais.

Conforme Barros (2008, 2015), muitos sinais e contextos conduzem o visossinalizante³ ao uso da expressão adequada tornando sua escrita desnecessária – fato que tornou a ELiS uma grafia leve e prática. O entendimento disso foi corroborado pelos cursistas aprendizes da VisoGrafia. Primeiramente, apresento uma tabela contendo apenas os visografemas do visograma da VisoGrafia, sendo que, na sequência, será apresentado o quadro com os diacríticos da nossa ELS, que podem ser utilizados para completar a grafia de um determinado sinalema⁴ ou incrementar o registro da informação grafada.

Figura 05. Primeiro visograma da VisoGrafia, com um total de 64 visografemas.

1a)	.	/	<	\	-	
1b)	.	└	└	\		
2)	☒	☐	▣	(Móvel)		
3)	○	○	○	π	—	L π □ ☒
4)	⊥	T	≠	↑	↓	↕ → ← ↔ ↗ ↘
	∨	∧	∩	∪	∅	⊙
	⊥	π	≠	└	└	∨ ∩ ∪ ∅ ⊙
	⊥	∅	∅	∅	<	π ≠ × ∅ ⊙ + ∅

Fonte: acervo do autor.

Após o curso de extensão, com a colaboração dos cursistas ouvintes e visuais (*surdos*), o número de caracteres caiu de 64 para 46. Isto porque alguns visografemas de configuração de dedos e orientação de palma se tornaram móveis (podem ser girados em quaisquer direções) e, também, devido ao fato de que os visografemas de movimentos faciais e corporais (expressões não manuais) foram rebaixados para a categoria de diacríticos, haja vista o número muito restrito de sinais em que os mesmos figurariam como visografemas.

³ Termo conceitual elaborado como desdobramento do termo visual. Segundo Pereira e Benassi (2016, p. 02) visossinalizante é o indivíduo que apreende e compreende o mundo por meio da Língua de Sinais (LS) e nele se expressa sinalizadamente.

⁴ Sinalema (*senal*): menor parte de um enunciado, dotado de uma significação relativamente estável.



Em março e maio de 2017, a VisoGrafia foi aplicada em duas disciplinas de ELS de cursos de Licenciatura em Letras-Libras. No primeiro curso, que é semipresencial, a turma é composta por alunos surdos e ouvintes. Os encontros acontecem nos finais de semana, sendo um encontro por mês. Apliquei a VisoGrafia e os resultados foram surpreendentes. Na primeira aula, os acadêmicos conseguiram ler e escrever datilologia, por meio da VisoGrafia. Na segunda, eles leram sinais isoladamente e escreveram o próprio sinal (sinal nominal) (BENASSI, 2017, p. 120, 121).

No segundo curso, a modalidade é presencial modular. A turma é a terceira admitida pelo curso e é composta somente por alunos ouvintes. Em relação às duas primeiras aulas, o resultado foi similar aos do primeiro curso. Com oito aulas apenas, os alunos escreveram pequenos textos, tais como fábulas, descrição das férias, além da criação de jogos didáticos para o ensino da VisoGrafia (BENASSI, 2017, p. 122, 123).

Após a coleta destes dados, a VisoGrafia passou por uma grande reforma. Alguns visografemas admitidos da ELiS foram modificados, outros excluídos e alguns foram criados em parceria com os alunos de ambos os cursos citados acima. Todas estas mudanças foram amplamente discutidas com os usuários da VisoGrafia (alunos das disciplinas de ELS e do curso de extensão de ELS).

Com a aplicação da VisoGrafia na redação da tradução dos resumos para a Libras, dos artigos publicados pelas revistas Diálogos e Falange Miúda, percebi a necessidade da inserção de novos visografemas. Com os novos caracteres inseridos no visograma do nosso sistema de escrita de sinais, o número de visografemas atual passou a ser de 38, conforme figura a seguir.

Figura 07. Visograma atual da VisoGrafia.

1 _a)	.	<		(Móvel - - \ /)
1 _b)	.	∟	∟	(Móvel - \ -)
2)	■	□	▣	(Móvel - ■ □ ▣ ▤)
3)	○	∥	(Móvel - ∥ ∏)	— L ■ □
4)	↑	↓	↕	↑ (Móvel - ↑ ↓ → ←
	↗	↖	↘	↙) ↕ (Móvel - ↕ ↔) ∩ ∪
	⊙	⊗	⊕	⊖ ⊗ ⊕ ⊖ ∟ ∟ ∟ ∟ ∟
	↳	(Móvel ↳	↳	↳) ↳ ↳ ↳

Fonte: Benassi (2017, p. 129).



A VisoGrafia é uma escrita linear, cuja orientação da escrita é da esquerda para a direita. Os visografemas são escritos na seguinte ordem: primeiro passo, nos sinais em que a locação são grafáveis, escreve-se o local onde se articula o sinal; segundo, é grafada a orientação da palma; terceiro, redigem-se as configurações de dedos do polegar para o mínimo; quarto e último passo, grafa-se o movimento e, se for o caso, as expressões não manuais.

Vale ressaltar que a VisoGrafia implementa uma série de diacríticos para complementar o processo da grafia dos sinais. Atualmente, existe uma soma correspondente a 55 diacríticos que, somados aos visografemas, nos permitem a grafia de qualquer sinal de qualquer língua de sinais existente (BENASSI, 2017). Para ter acesso ao quadro de diacríticos, consulte Silva (2017) e Benassi (2017).

Métrica em poemas sinalizados?

Benassi (2017) assevera que a escrita de sinais foi um recurso essencial para a descoberta da métrica em poemas sinalizados, pois considera que a escrita de sinais torna visíveis as partes morfológicas que constituem um sinalema. O autor afirma que é possível realizar a escansão dos versos de três formas: 1) sinalemas compostos, a primeira parte do sinal é sempre forte e a(s) seguinte(s) fraca(s); 2) sinalemas nos quais há a aplicação de morfismo⁵, o primeiro sinalema é sempre forte; 3) sinalemas em que o movimento é apenas direcional são considerados fracos.

A primeira noção de métrica em poemas sinalizados veio da noção de sílaba de Barros (2008; 2015). No entanto, essa ideia foi abandonada. Para a atual análise, os versos do poema “Querere” serão medidos tendo como base o sinalema e o sinalico. É importante frisar que, no processo de escansão de um verso, somente é contado o sinalico que apresente pelo menos dois parâmetros. Ou seja, o sinalico precisa apresentar no mínimo os parâmetros de configuração de mão e locação, esta última pode ser implícita. Em outras palavras, não grafada. Vale ressaltar que, na VisoGrafia, o espaço neutro não é grafado; portanto, na grafia de um sinal, fica implícito.

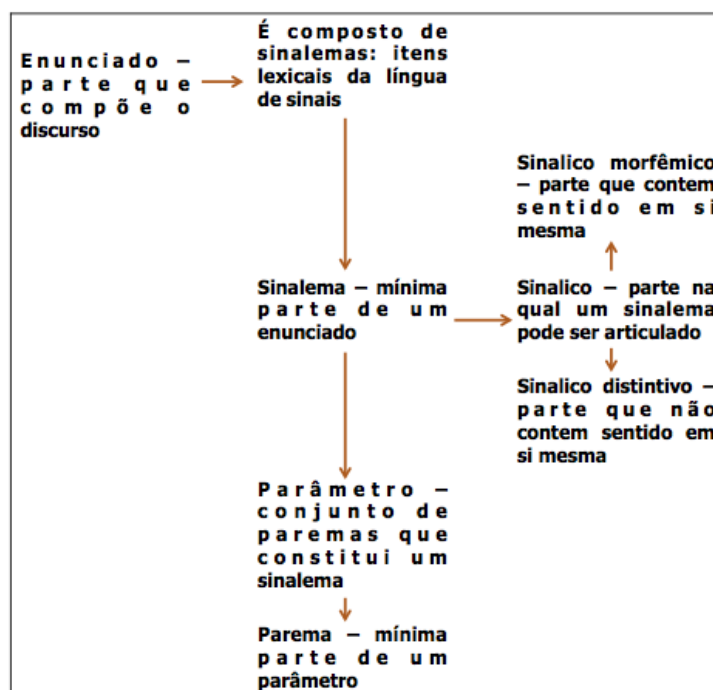
O esquema estrutural que norteia nossa análise é o seguinte:

⁵ Espécie de elisão entre sinais.

O enunciado é decomponível em partes menores, ou seja, é composto por itens lexicais analisáveis. O enunciado é uma parte que compõe o discurso, decomponível em:

1. sinalema (*senal*): menor parte de um enunciado, dotado de uma significação relativamente estável;
 - 1.1. sinalico: parte na qual um sinalema pode ser articulada, podendo esta ter ou não sentido em si mesma. Neste aspecto, pode ser morfêmico lexical ou gramatical – se possuir significado em si mesma; distintivo se assumir apenas distinção na seleção de dedos, não comportando esta na execução de um determinado sinalema, de forma idêntica para todos os dedos;
2. parâmetro: agrupamento de paremas constitutivos da língua de sinais. N'outras palavras, grupo que congrega os menores elementos visuais articuláveis da língua de sinais, com os quais se pode formar novos itens lexicais na língua de sinais;
3. parema: é a *unidade mínima do plano de expressão das línguas de sinais que não possuem, em si mesmas, significado algum, combinam-se entre si para formar sinalicos morfêmicos ou sinalicos distintivos* (BENASSI, 2017, p. 131, 132. Grifo do autor).

Figura 08. Esquema elaborado a partir da aplicação da dupla articulação da linguagem à Libras.



Fonte: Claudio Alves Benassi (2017, p. 131).

As novas categorias permitiram uma estruturação da língua de sinais e a aplicação minuciosa da dupla articulação da linguagem humana à Libras. O sinalema denomina a mínima parte de um enunciado que pode ser articulado em sinalico morfêmico ou distintivo e tanto o sinalema quanto o sinalico são constituídos por parâmetros. Os parâmetros são constitutivos das línguas de sinais, pois, com os mesmos, o léxico sinalizado é criado. Os

parâmetros são decomponíveis em paremas, que, por sua vez, correspondem à mínima parte da língua de sinais.

Tabela 01. Primeira e segunda articulação do sinalema CASA.

PRIMEIRA ARTICULAÇÃO DA LIBRAS					
SUBSTANTIVO (CASA)			VERBO (MORAR)		
	Não apresenta movimento			Sinalico – Morfema primitivo	Sinalico – Morfema sucessor
SEGUNDA ARTICULAÇÃO DA LIBRAS					
SUBSTANTIVO (CASA)			VERBO (MORAR)		
 (CASA)	Configuração da mão	Formato da mão 	Configuração de dedo do polegar – Configuração dos demais dedos	Configuração da mão	
		Orientação da palma 			
 (MORAR)	Locação	Ponto de articulação – espaço neutro à frente do tórax		Ponto de articulação	Espaço neutro à frente do tórax
		Ponto de contato – pontas dos dedos : indicador, médio, anular e mínimo		Ponto de contato	Pontas dos dedos: indicador, médio, anular e mínimo
	Movimento	Não se aplica		Movimento	Direcionais das extremidades para o centro

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme exposto na tabela anterior, é possível articular um sinalema em partes que poderão ser classificadas como sinalicos. O sinalico pode ou não apresentar sentido em si mesmo. Ressalto que o sinalico só pode ser contado na escansão caso apresentar no mínimo dois parâmetros, implícita ou explicitamente, na grafia. Tanto os sinalemas quanto os sinalicos podem ser articulados em partes menores. Estas partes correspondem ao parâmetro, unidade constitutiva das línguas de sinais, e em parema, que é a mínima parte dessas línguas.

A grafia e a análise estrutural das obras e *querer*



A grafia em ELS da produção literária em língua de sinais é um recurso de suma importância, pois é um tipo de suporte que, diferentemente do vídeo, não é perecível. Além disso, permite ao analista visualizar a dupla articulação das LS, aspecto ainda entendido de forma equivocada no meio sinalizado. Os sinais são decomponíveis em dois níveis: o morfológico e o parêmico. Assim, pode-se observar a forma como os sinais são encadeados para a produção de determinado objeto estético.

Foi a escrita de sinais que nos permitiu a descoberta da métrica dos poemas em LS, que se dá de forma peculiar, determinada pela modalidade visual das LS. Os primeiros procedimentos de grafia de textos utilizando a VisoGrafia foram executados de forma bastante rudimentar e artesanal. Utilizei o software PowerPoint da Microsoft®, e por meio do uso da fonte ELiS. Os elementos visográficos eram adicionados um a um até o sinal ser formado e salvo em formato de imagem e inserido em um arquivo de texto do Word.

No decorrer dos experimentos conheci o acadêmico Itacir Cabral, estudante de computação, cujo interesse pela língua de sinais e pela VisoGrafia surge pela crença de que a topicalização, que a língua de sinais apresenta, pode colaborar com o desenvolvimento de sistemas de informática. Ele desenvolve um pequeno sistema – ainda em fase de aperfeiçoamento –, que permite a organização eficiente e rápida dos sinais em formato de texto. Ambas as obras, cujas estruturas serão brevemente analisadas a seguir, foram grafadas utilizando este pequeno e, por enquanto, simples processador de textos.

Sentimentos de Duarte

O poema *Sentimentos* está organizado em duas estrofes: a primeira possui quatro versos; a segunda, três. Somando, assim, um total de sete versos. O elemento de gênese da obra literária está apresentado no título: a orientação da palma da mão (☐ – para trás), elemento visual que aparecerá no início de todos os versos da primeira estrofe. E ainda será utilizado na rima visual consecutiva ou paralela que domina o início dos versos da primeira estrofe.

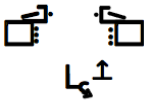


Tabela 02. Poema “Sentimentos” de Duarte (2015).

	<p>Tradução aproximada</p> <p><i>Sentimentos</i></p> <p><i>Não preciso ver</i></p> <p><i>Não preciso ouvir</i></p> <p><i>Não preciso caminhar</i></p> <p><i>Não preciso falar</i></p> <p><i>Mas... te quero próximo a mim</i></p> <p><i>Mas... viva próximo a mim</i></p> <p><i>Mas... seja meu amigo</i></p> <p><i>2015</i></p> <p><i>Duarte, 2015</i></p>
--	---



Fonte: acervo do autor.


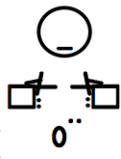
Na composição, observa-se na primeira estrofe a formação de rimas visuais por

meio do uso poético da repetição inicial do sinal . Também podemos observar

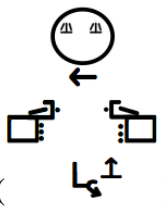


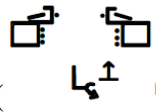
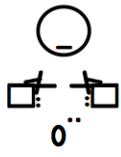
a formação de rimas visuais no uso dos sinais que apresentam as mesmas características

morfoparêmicas da não-manualidade no primeiro () e no terceiro () versos do poema. Em contraposição, há a apresentação de sinais que apresentam características



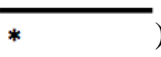

de bimanualidade simétrica no final dos segundo () e quarto () versos.

Há, na composição, um forte apelo organizacional de elementos por oposição. Esses elementos se alternam nos quatro versos da primeira estrofe. No primeiro e no terceiro verso aparecem sinais cuja composição neológica⁶ se faz pelo uso de um sinal

não manual sobreposto a um manual, como por exemplo, (). Em oposição à esta ideia, Duarte utiliza, no segundo e quarto verso, sinais gramaticais puramente

manuais ( , ), por exemplo.

A segunda estrofe também apresenta a formação de rimas visuais paralelas, tanto no início dos versos quanto no final deles. No início, as rimas são simples e acontecem

pela repetição do sinal  . Já as que compõe as rimas finais podem ser consideradas complexas, pois combinam três parâmetros diferentes em todos os sinais. São eles: a orientação da palma da mão para cima (), a locação no lado esquerdo do tórax () e o movimento para trás ().


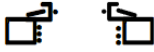
Em relação à métrica, observamos que os sinalicos⁷ poéticos nos versos podem ser medidas pela punção de força na articulação dos movimentos dos sinais. Assim sendo,

⁶ Sinalemas que são constituídos no momento da enunciação e servem a um propósito de expressão, principalmente, o artístico.

⁷ Sinalico: parte na qual um sinalema pode ser articulado, podendo ter ou não sentido em si mesmo. Neste aspecto, pode ser morfêmico lexical ou gramatical, se possuir significado em si mesmo; distintivo, se assumir apenas distinção na seleção de dedos, não comportando esta distinção na execução de um determinado sinalema, de forma idêntica para todos os dedos.





o primeiro e o terceiro versos são, poeticamente, monossinálícos, ou seja, os versos

apresentam apenas dois sinalícos:  sobreposto a  sendo este último considerado forte e o primeiro que encerra o verso na execução do sinal e que constitui a ação de ver, cuja necessidade é negada, é considerado fraco, forte e uma fraca, portanto, o verso é caracterizado como monossinálíco.

O segundo verso também é monossinálíco. Este apresenta dois sinalemas, ambos caracteristicamente fortes, no entanto, o autor utiliza o morfismo ($\mathbb{m} \rightarrow$) entre os sinalemas, fazendo com que o segundo sinalema do verso perca a punção de força do movimento. O quarto e último verso da primeira estrofe apresenta dois sinalemas, ambos com características fortes, sendo, portanto, um verso bissinálíco.

Todos os versos da segunda estrofe possuem dois sinalemas. O segundo sinalema de todos os versos apresenta dois sinalícos: o primeiro com ponto de articulação no espaço

neutro () e o segundo no peito (). Na escansão de poemas sinalizados, considero ambos os sinalícos fracos neste tipo de sinalema por apresentar movimento direcional. Sendo assim, todos os versos são monossinálícos.

Querer de Cao Benassi

O poema “Querer” foi concebido no início de 2017, durante a participação do autor em uma reunião de colegiado do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, do qual o autor é membro. O poema, teleologicamente, foi composto como resposta à aura gerada naquele ambiente. Esta, porém, será uma análise puramente estrutural. O caráter idelógico será explorado em uma produção bibliográfica posterior.

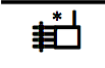

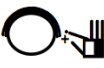

De acordo com Benassi, Duarte e Padilha (2015), os elementos visuais constitutivos da língua de sinais podem ser utilizados para compor a rima em poemas sinalizados. Desta forma, o poema “Querer” apresenta rimas por paralelismos de sinalemas.



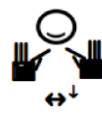
Tabela 3. Poema Querer, em escrita de sinais VisoGrafia e tradução aproximada para o Português.



	<p><i>No meu cabelo, quero uma flor</i></p>
	<p><i>Na minha vida, quero felicidade</i></p>
	<p><i>No meu futuro, quero paz</i></p>
	<p><i>No meu eu, quero verdade.</i></p>
	<p><i>“Quer”</i></p>
	<p><i>Cao Benassi</i></p>

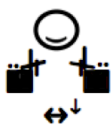

Fonte: Benassi (2017). Disponível em <http://www.visografia.com/historia/acervo/>. Consulta em 26 de dez. 2017.

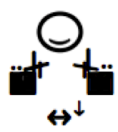

Trata-se de um quarteto, no qual os quatros versos que compõem a estrutura quaternária da obra são iniciados com o mesmo sinalema  (MEU). Este tipo de rima pode ser considerada também rima inicial. Ainda é utilizado o sinalema  (QUERER), na terceira posição em todos os versos. Caracteristicamente, é uma rima paralela, portanto, o tipo mais simples de rima em poemas sinalizados. No primeiro verso, os sinalemas  (CABELO) e  (FLOR) apresentam dois aspectos visuais que constituem rimas: o formato da mão em F e a orientação da palma para a medial (


). O sinalema FLOR, que encerra o primeiro verso, estabelece rima com o sinalema

 (FELICIDADE), que encerra o segundo verso, por meio do formato da mão em F. Há no sinalema FELICIDADE a adição de uma mão.

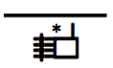
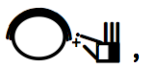
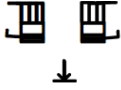

O sinalema  (FELICIDADE) estabelece com o sinalema  (FUTURO) por formato da mão (F). Este tipo de rima, denominei rima cruzada. Com o

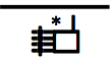

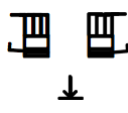

sinalema  (PAZ), o sinalema FELICIDADE rima por orientação de palma (■ – para frente) e movimento ( – para as extremidades e para o centro, combinando a direção para baixo repetidamente), em ambos sinalemas. Este tipo de rima é caracterizada por encerrar os versos, logo, denominei-as de rimas finais. Por último, o sinalema

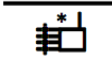

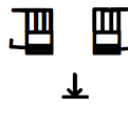
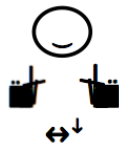
 (PAZ) estabelece rima com o sinalema  (VERDADE) rimam por

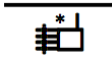
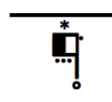
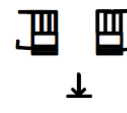

formato da mão () , sendo que em relação ao sinalema VERDADE, há a exclusão de uma mão.

Entre os sinalemas que encerram o primeiro e o segundo verso e os que encerram o terceiro e quarto verso: as rimas que aí acontecem podem ser caracterizadas também como superiores ou complexas, enquanto a rima que aparece entre os últimos sinalemas que encerram o segundo e terceiro verso, bem como as rimas paralelas, podem ser classificadas como rimas inferiores ou simples.

O primeiro verso do poema Querer ( ,  ) apresenta quatro sinalemas considerados gramaticalmente simples. Os sinalemas QUERER e FLOR apresentam movimento direcional para trás e para a frente, respectivamente. Logo, são considerados fracos. Tendo em vista esta característica, o verso é considerado trissinálco em virtude de ser encerrado por um sinalico poético fraco.

O segundo verso ( ,  ) apresenta quatro sinalemas simples, sendo que os sinalemas VIDA, QUERER e FELICIDADE possuem movimentos direcionais – para cima, para trás e para a extremidades e centro do corpo, combinado para baixo, respectivamente. Por ser encerrado por um sinalico poético fraco, o verso é considerado trissinálico.

O terceiro verso ( ,  ) apresenta características similares ao do segundo. Os sinalemas FUTURO, QUERER e PAZ possuem movimentos direcionais, sendo estes para frente, para trás e para a extremidades e centro do corpo, combinado para baixo, respectivamente –, logo, não sendo contado o sinalico poético PAZ, o que confere a este verso também o caráter trissinálico.

O quarto e último verso ( ,  ) apresenta os mesmos aspectos que o primeiro. Os sinalemas QUERER e VERDADE possuem movimentos direcionais – para trás e para baixo, respectivamente. O verso é encerrado por um sinalico poético fraco, não sendo contado na escansão. Este verso também é trissinálico.

Nota-se, na estrutura poética, um forte apelo numérico: quatro sinalemas são empregados em quatro versos. Estes, por sua vez, apresentam três sinalicos poéticos. Na estrutura, o número 4 apresentado na quantidade de sinalemas e de versos é contraposto pelo número 3. Na numerologia pitagórica, o número quatro é remetido ao material e o três às tríades (trindades), à perfeição (GUIMARAES, 2009). No poema, quatro remete ao humano e suas vicissitudes negativas implícitas na composição, sendo que o três remete àquelas explícitas na obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não ser um recurso gráfico recente, a escrita de sinais não é uma realidade na alfabetização e na vida acadêmica do estudante visual. Os dados apontam



para vários motivos, dentre eles, excesso de caracteres, exacerbado detalhamento da grafia e, ainda, alto nível de abstração de alguns dos sistemas. A VisoGrafia surgiu da necessidade de simplificação dos sistemas de escrita de sinais, pois, além de compreender a sua importância na constituição cognitiva do alunado visual, a simplificação dos sistemas de escrita no mundo é um processo que aconteceu naturalmente, mediante a utilização das escritas, o que não aconteceu a alguns sistemas de escrita de sinais.

Com 38 visografemas, de base linear e alfabética, a VisoGrafia cumpriu o objetivo que impulsionou sua criação: o de criar um sistema de escrita de sinais simples, visual e com baixo número de caracteres. Os vários procedimentos de escrita mostram que o sistema está pronto e pode ser considerado leve e prático. Em relação aos procedimentos de leitura, os dados coletados para a tese “VisoGrafia: o problema do material, conteúdo e forma na escrita de sinais” apontam para um sistema no qual a grafia, além de fácil, leve e prática, sua leitura pode ser realizada por sinalizadores que não estudaram o sistema de escrita VisoGrafia (BENASSI, 2017).

Em relação à análise estrutural de poemas sinalizados, este aspecto surge, em minha pesquisa, a partir da proposição da verificação da viabilidade da grafia por meio de textos pertencentes ao gênero textual sinalizado poema. Com os resultados dos estudos articulatórios dos sinalemas da Libras e, partindo para a concepção de sílaba na língua de sinais de Barros (2008, 2015) – que posteriormente foi abandonada –, consegui empreender a compreensão da constituição rítmica em poemas sinalizados, corroborando as ideias do pesquisador Anderson Simão Duarte sobre esta temática.

As rimas podem acontecer em poemas sinalizados, na combinação dos elementos visuais que constituem a língua de sinais, tais como: parâmetros, paremas, bimanualidade, monomanualidade, não manualidade, de diversas formas. É possível, ainda, escandir poemas com base na ideia da articulação dos sinalemas. Com ela, obtêm-se os sinalicos, unidade que pode ser contada de acordo com as características que o movimento do sinal apresenta.

Este estudo é embrionário e será minuciosa e profundamente explorado na realização de minha tese, no capítulo que tratará da viabilidade da escrita e da leitura de textos grafados em Libras pela VisoGrafia. Por ora, concluo que os estudos empreendidos até o momento mostram que a VisoGrafia é um sistema de escrita de fácil apreensão, na qual os alunos escreveram e leram sinais com apenas duas aulas (BENASSI, 2017, p. 121-123) de grafia leve e prática. Ainda que na composição de poemas sinalizados



aconteçam rimas visuais de diversas formas, a escansão (medição) de poemas sinalizados é possível com base nas novas categorias da linguística estrutural.

REFERÊNCIAS

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2012.

BARROS, M. E. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. Tese (Doutorado em Linguística). PPGL/UFSC. Florianópolis, 2008.

_____. **ELiS**: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais. Porto Alegre: Penso, 2015.

BENASSI, C. A. Querer. Poema. In: **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, ano 2, n. 1, jan.-jun., 2017. Disponível em: <<http://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/88>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

BENASSI, C. A. **O despertar para o outro**: entre as escritas de língua de sinais. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

_____. VisoGrafia: alguns desdobramentos do objeto de tese “escrita de sinais”. In: **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, ano 2, n. 2, jul.-dez., 2017. Disponível em: <<http://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/163>> Acesso em: 26 dez. 2017.

_____. Coração partido de Cao Benassi: a escrita de sinais VisoGrafia na fixação do gênero literário poema. Língua Portuguesa e suas literaturas no mundo: In: **Anais. I Congresso Internacional de Letras (CONIL)**. Pedro & João Editores: São Carlos, 2017a.

_____. **Escrita de sinais – VisoGrafia**. Online. Disponível em: <<http://www.visografia.com>> Acesso em: 26 dez. 2017.

BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S.; PADILHA, S de J. *Poiesis* da Libras e da Escrita das línguas de sinais (ELiS): a utilização da visualidade da língua e da ELiS na poética de Duarte. In: **Revista Diálogos (RevDia)**, v. 3, n. 2, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3368/2365>> Acesso em: 19 nov. 2016.

_____. Proposta de releitura do *SignWriting* e da ELiS. In: **Falange Miúda**. v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/11>> Acesso em: 28 dez. 2017.

BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S.; SOUZA, S. A.; PADILHA, S. de J. VisoGrafia:



uma proposta de grafia para as línguas de sinais. In.: **VI Círculo – rodas de conversa bakhтинiana**: literatura, cidade e cultura popular. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. 1343 p.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/2002/L10436.htm> Acesso em: 29 dez. 2017.

DUARTE, A. S. Sentimentos. Poema. In.: BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S.; PADILHA, S de J. *Poiesis* da Libras e da Escrita das línguas de sinais (ELiS): a utilização da visualidade da língua e da ELiS na poética de Duarte. In: **Revista Diálogos (RevDia)**, v. 3, n. 2, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3368/2365>> Acesso em: 19 nov. 2016.

GUIMARAES, I. N. L. **Números**: as pegadas da divindade. São Paulo: 2009.

NOBRE, R. S. **Processo de grafia da língua de sinais**: uma análise fono-morfológica da escrita em *SignWriting*. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

PEREIRA, V. M.; BENASSI, C. A. **Língua brasileira de sinais (Libras) no Mato Grosso**: da regulamentação federal a implantação de ações em apoio a difusão da Libras. Monografia. Especialização em Educação Especial com Ênfase em Libras. Faculdade do Pantanal (FAPAN). Cáceres, 2016.

SABANAI, L. N. A evolução da comunicação entre e com surdos no Brasil. In: **Revista HELB**. Ano 1, n. 1, 2007.

SILVA, R. M. VisoGrafia: escrita da língua de sinais. In: **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, ano 2, n. 2, jun.-dez., 2017. Disponível em: <<http://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/158>> Acesso em: 28 dez. 2017.

Recebido em: 02 abr. 2018

Aceito em: 16 abr. 2018